

SESC PALLADIUM APRESENTA

WMΣMWΣΣM
ΣΣMWΣMΣΣ
MWMΣΣWMΣ
WΣΣWMΣWW
ΣMAISMΣΣ
ΣDOZQUEW
WARARASΣ
MΣΣWΣMWΣ

ANNA BELLA GEIGER CARLOS VERGARA EDINÍZJO
RIBEIRO PRIMO FALVES SILVA JOMARD MUNIZ DE BRITTO
JOSÉ RONALDO LIMA LETÍCIA PARENTE MARIO
ISHIKAWA NEIDE SÁ RAYMUNDO COLARES REGINA
SILVEIRA REGINA VATER TORQUATO NETO VERA CHAVES
BARCELLOS DANIELA SEIXAS

CURADORIA RAPHAEL FONSECA



Desde o século XIX os esforços empreendidos na construção de uma identidade brasileira se tornaram mais presentes na história do país. Entretanto, durante os anos de 1960 e 1970, essa tentativa de caracterização nacional adquiriu um tom mais crítico, em que a formação de uma identidade pudesse fazer um contraponto à hegemonia cultural europeia e estadunidense. A arte nacional de vanguarda adquire papel essencial neste período, ao tentar estabelecer uma linguagem brasileira que confrontasse as tendências da arte internacional. Dentre os vários artistas que foram essenciais nesse processo, destaca-se Helio Oiticica, com sua instalação Tropicália (1967).

Em um cenário de tomada de consciência por parte da classe artística, o retorno à ideia de “antropofagia” como devoração cultural, herdada do movimento modernista brasileiro, manifesta-se então nesse período como uma forma de resistência à dominação cultural estrangeira. Neste contexto, a exposição Mais do que araras traz ao público frequentador do Sesc Palladium um importante recorte curatorial da produção artística nacional a partir da década de 1960.

Com uma extensa programação, o Sesc em Minas reforça mais uma vez seu compromisso de promover as manifestações artístico-culturais nacionais e de oferecer uma programação de qualidade, articulando ações de reflexão e formação a partir das mais diversificadas experiências estéticas. Hélio Oiticica defendia que para se ter uma posição cultural atuante é preciso ser contra o conformismo cultural, político, ético e social. Desta forma, a arte se configura como um importante instrumento para oportunizar a reflexão e o debate.

SESC EM MINAS

SESC EM MINAS GERAIS Presidente do Sistema Fecomércio MG, Sesc, Senac e Sindicatos Lázaro Luiz Gonzaga	Apoio e Manutenção Lucas Guerra Rodrigues Tão Egmar Pereira de Souza Nascimento Geraldo Celson Martins da Rocha Josias dos Santos do Nascimento Wilson Fernando dos Santos Vinicius Hamilton Marçal Silva	Fotógrafo Eduardo Santos
Diretor Regional Luciano de Assis Fagundes		Montagem Ronaldo Braz
Diretora Técnica Francine Pena Póvoa	Guardiãs Vanessa Xavier dos Santos Rita de Cássia F. Fernandes Toledo	Marcenaria Ocri - Oficina Criativa
Gerente Regional Capital Leonardo Conceição		Audiovisual DF Audiovisual
Gerente de Cultura Eliane Parreiras	EXPOSIÇÃO MAIS DO QUE ARARAS 08 de agosto a 01 de outubro de 2017	Conservação de Obras Angélica Pimenta - Rio de Janeiro Erick Santos - São Paulo Raquel Teixeira - Belo Horizonte
EQUIPE SESC PALLADIUM Coordenadora de Produção Débora Pedrosa	Artistas Anna Bella Geiger, Carlos Vergara, Edinizio Ribeiro Primo, Falves Silva, Jomard Muniz de Britto, José Ronaldo Lima, Letícia Parente, Mario Ishikawa, Neide Sá, Raymundo Colares, Regina Silveira, Regina Vater, Torquato Neto, Vera Chaves Barcellos e Daniela Seixas	Transportadora Art World Logística de Transportes
Coordenadora de Serviços Sociais Luciana Salles		Seguradora Pro Affinitè Consultoria e Corretagem de Seguros
Coordenador de Produção Técnica Renato Freitas Cordeiro		Agência Turismo Estufa Viagens
Coordenadora Administrativa Joyce Alvim Camargo	Curadoria Raphael Fonseca	Agradecimentos Aline Hermann, Ana Hortides, André Parente, Anna Bella Geiger, Breno Faria, Carlos Henrique Bicalho, Carlos Vergara, Conrado Mesquita, Delcir da Costa, Fernanda Lopes, Esmon Primo, Guga Carvalho, Gustavo Nóbrega, Ismael Monticelli, Jaqueline Martins, João Vergara, José Ronaldo Lima, Julia da Costa e Wadson Nunes, Lili e João Avelar, Luciana Bonadio, Ludimilla Fonseca, Marcello Guarnieri, Matheus Gumerato, Neide Sá, Regina Silveira, Regina Vater, Renan Araújo, Renato Pera, Ricardo Sá, Sara Braga, Tiago Cadete, Tiago Sant'ana, Vera Chaves de Barcellos, Galeria Murilo Castro, Luciana Brito Gaiarna, Galeria Superfície e Museu de Arte de Pampulha.
Analista de Serviços Sociais Rafael Fernandes Silveira Alves	Produção Baquara	
Analista de Produção Shirley Gomes	Produção executiva Fabiola Rodrigues e Juliana Gontijo	
Assistente de Serviços Sociais Marcelo David Moreira	Assessoria administrativa Warly Vagno	
Assistente de Produção Daniela Cristina Alves da Costa	Ação Educativa Alison Loureiro Rosa e Fabiola Rodrigues	
Programa Educativo Analista de Serviços Sociais Mailine Bahia Fernandes	Projeto expográfico Julia Arbex	
Assistentes de Serviços Sociais Adriano Maciel Canabrava Bernardo Amarante Viviane Fortado Theris Lobato	Arte gráfica e sinalização Pedro Veneroso (Sumbiour)	
	Assessoria de imprensa Flomano Comunicação	

Em abril de 1967, Hélio Oiticica mostrava a instalação "Tropicália", no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, na exposição "Nova Objetividade Brasileira". Mais do que observadores, interessava ao artista a experimentação física de diferentes ambiências pelo público. Para criar seu monumento à tropicalidade brasileira, Oiticica utilizou materiais que remetiam tanto à construção civil, quanto a uma revisão do exotismo tropical. Pedras, plantas, areia e araras faziam parte do projeto e colocavam o público em uma experiência física peculiar no panorama das experimentações artísticas no Brasil. A obra se tornou icônica a ponto de seu nome ser utilizado por um grupo de jovens músicos baianos para batizar o clássico álbum "Tropicália ou Panis et Circencis", lançado em 1968.

Nos últimos vinte anos, tanto a produção de Oiticica, quanto a de outros artistas do grupo do neoconcretismo carioca (especialmente a de Lygia Clark e Lygia Pape) foi exposta nacional e internacionalmente. Suas pesquisas tem um importante reconhecimento institucional devido a projetos curatoriais que enxergam a produção de arte desse período histórico para além das tradicionais narrativas eurocêntricas que ainda dominam o sistema da arte.

A presente exposição não ansiou por se apresentar como mais um projeto dedicado exclusivamente à figura mitológica (e essencial) de Oiticica; sua "Tropicália" e seu aniversário de cinquenta anos foram um ponto de partida, mas não de chegada para a reunião aqui proposta de artistas e procedimentos. Não interessava a Oiticica uma produção de arte que caísse facilmente no clichê da tropicalidade, mas sim algo que convidasse o espectador a ter uma perspectiva crítica perante a crescente folclorização da "cultura brasileira" pregada pela ditadura militar. Em suas próprias palavras, "o mito da tropicalidade é muito mais do que araras e bananeiras: é a consciência de um não condicionamento às estruturas estabelecidas, portanto, altamente revolucionário na sua totalidade. Qualquer conformismo, seja intelectual, social, existencial, escapa à sua ideia principal".

Optamos, portanto, por reunir obras produzidas num recorte temporal entre a década de 1960 e o início dos anos 1980, período dialógico à ditadura militar no Brasil e às experimentações nas diversas áreas da produção artística. Três grandes tópicos se fazem presentes e, mesmo que não separados



especialmente na exposição, norteiam as obras mostradas: a crítica em torno do estereótipo da tropicalidade e da identidade brasileira; a atenção dada ao corpo ativo para além da noção de espectador; e o interesse em obras que se encontram no limite entre a poesia e as artes visuais.

Esse conjunto de catorze artistas diz respeito a pesquisas desenvolvidas em diferentes áreas e pontos do Brasil. Alguns possuíam formação em Belas-Artes, ao passo que outros eram autodidatas e/ou advindos de áreas como a música e o teatro. Se alguns deles eram amigos e produziam em conjunto, outros sequer se conheceram pessoalmente e desenvolveram poéticas de modo paralelo sem grande conhecimento de seus vizinhos. Com o desejo de complexificar a hegemonia do Sudeste na história da arte no Brasil, estão na exposição artistas que residem em estados tão distantes como o Rio Grande do Norte e o Rio Grande do Sul. A institucionalização desses agentes é assimétrica e demonstra a precariedade e necessidade de mais pesquisas em torno dessa geração de artistas. Enquanto alguns tem uma produção sólida e reconhecida em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo, outros ainda são vistos como fenômenos de atuação local e urgem por serem inseridos em narrativas mais abrangentes por parte de curadores e historiadores da arte.

Não esqueçamos, por fim, que o próprio alavancamento internacional de Hélio Oiticica – seja em vida, seja post mortem – também contribuiu com o eclipsar de artistas da sua geração que enxergavam o fenômeno artístico de modo dialógico, porém diferente. É tempo de seguir a aprofundar uma revisão dessas décadas e de tornar mais complexa a origem da chamada “arte contemporânea no Brasil” por meio dessa sobreposição de vozes, gêneros, linguagens e idiosincrasias culturais.

Faz-se importante olhar para trás com a distância dessas cinco décadas pós-Tropicália e criar outras maneiras de conexões entre essa constelação de artistas brasileiros. Esse procedimento é semelhante ao que Daniela Seixas, jovem artista convidada a dialogar com o fôlego histórico dessa exposição, sugere com uma série de publicações feita a partir do apagamento das palavras escritas nas cartas trocadas entre Oiticica e Lygia Clark. Ficam os sinais gráficos sobre o vazio das páginas e o público é convidado a unir esses pontos da maneira desejada.

Do mesmo modo, fica o convite por parte da curadoria para que os visitantes percorram o espaço da Galeria GTO e criem suas conexões formais, poéticas e temáticas entre imagens e diferentes anseios existenciais por parte desses artistas atuantes no Brasil que nos ensinam que o fazer artístico durante esse período histórico era muito maior do que qualquer tropicalidade panfletária colorida contida nas figuras das araras. Tratava-se de fazer o que estava ao alcance diminuto das mãos, geralmente com um resultado preto-e-branco que agora nos permite contemplar tanto a escala humana dessas obras, quanto a sua inevitável associação aos chamados anos de chumbo do Brasil.

Resta-nos uma dúvida: até que ponto o presente é menos plúmbico que o passado? Talvez só mais cinquenta anos serão capazes de nos dar uma resposta.

SESC PALLADIUM APRESENTA

WMΣMWΣΣM
ΣΣMWΣMΣΣ
MWMΣΣWMΣ
WΣΣWMΣWW
ΣMAISMΣΣ
ΣDOZQUEW
WARARASΣ
MΣΣWΣMWΣ

ANNA BELLA GEIGER CARLOS VERGARA EDINÍZIO
RIBEIRO PRIMO FALVES SILVA JOMARD MUNIZ DE BRITTO
JOSÉ RONALDO LIMA LETÍCIA PARENTE MARIO
ISHIKAWA NEIDE SÁ RAYMUNDO COLARES REGINA
SILVEIRA REGINA VATER TORQUATO NETO VERA CHAVES
BARCELLOS DANIELA SEIXAS

CURADORIA RAPHAEL FONSECA



Σ M Σ Σ Σ Σ W Σ
W C O N V E R W
M S A Σ C O M Σ
Σ A R T I S Σ M
M T A S Σ E Σ W
Σ C U R A M Σ Σ
Σ D O R Σ W M Σ
M Σ W Σ M Σ Σ W

ANNA BELLA GEIGER
JOSÉ RONALDO LIMA
RAPHAEL FONSECA
11 DE AGOSTO
19H30

@TEATRO DE BOLSO
Retirada de ingresso
30 minutos antes do evento

Compondo a programação paralela da exposição "Mais do que araras", será realizada uma fala do curador a respeito de sua pesquisa e do projeto curatorial. Junto a ele serão convidados Anna Bella Geiger e José Ronaldo Lima, que falarão sobre suas pesquisas artísticas em diálogo com outros agentes das artes visuais das décadas de 1960 e 1970. O encontro será conduzido como um bate-papo informal entre os convidados e o público.

Σ M Σ Σ W Σ M Σ
W E N C O N Σ W
Σ T R O Σ C O M
Σ P R O F E S Σ
M S O R E S W E
W E D U C A Σ M
Σ D O R E S Σ Σ
Σ M W Σ Σ M W

19 AGOSTO
14H ÀS 18H

@MEZANINO
Inscrições prévias

A curadoria educativa para a exposição "Mais do que araras" contemplará um programa de laboratório de construção de diálogos em arte contemporânea entre as equipes educativas da exposição e do Sesc Palladium. Como parte integrante desta ação, o encontro acolherá profissionais e agentes atuantes em espaços de educação interessados em um dia de imersão. Por meio de um processo reflexivo que permita traçar estratégias de mediação para diversos públicos, o encontro propõe instaurar um ambiente de escuta, de toque e de olhar para o lugar da criação na prática educativa.

* para professores, educadores e agentes que atuam em espaços de mediação.

* Todas as atividades são gratuitas

* Não jogue esta peça gráfica em vias públicas*

*Alvará de Funcionamento e Localização do Sesc Palladium - 2016028126, válido até 20/06/2021. Órgão expedidor: PBH. ART Obra e Serviço do Sesc Palladium - 14201300000015052285, válido até 28/11/2018. Órgão expedidor: CREA-MG.

W Σ Σ Σ W Σ M Σ
Σ M W Σ Σ M Σ W
Σ W M W Σ W Σ M
M L E I T U W Σ
W R A Σ D E Σ W
Σ P O R T Σ Σ W
Σ F Ó L I O W Σ
Σ W Σ Σ Σ W Σ M

ANNA BELLA GEIGER
12 DE AGOSTO
9H30 ÀS 17H30

@ESPAÇO MULTIUSO
Inscrições prévias

Durante um dia a artista Anna Bella Geiger e o curador Raphael Fonseca irão dialogar com os artistas selecionados a respeito de seus trabalhos. As conversas se darão entre todo o grupo, numa espécie de roda de reflexões sobre artes visuais, especialmente através da ótica e experiência da artista. Anna Bella Geiger é uma das artistas brasileiras de grande destaque de sua geração, atualmente é professora na escola de arte Parque Lage, no Rio de Janeiro.

Σ M Σ W M Σ Σ W
W M Σ Σ Σ W M Σ
Σ Σ W Σ W M Σ M
M Σ M W Σ M Σ Σ
W W O R K Σ W Σ
Σ S H O P Σ Σ M
W M Σ Σ Σ W Σ W
Σ Σ W Σ W Σ Σ Σ

QUER QUE EU DESENHE?
O QUE É PRECISO DIZER
VÁRIAS VEZES
DANIELA SEIXAS

30 SETEMBRO
10H ÀS 12H
14H ÀS 16H
18H ÀS 20H

@FOYER AUGUSTO DE
LIMA E RIO DE JANEIRO
Inscrições prévias

A artista Daniela Seixas propõe um diálogo com o público, no qual desenho, escrita e interferência da palavra serão pensados em prática juntos a um duplicador analógico (mimeógrafo). A ideia de urgência da fala e sua multiplicação será trabalhada em cima das sentenças "Quer que eu desenhe? / O que é preciso dizer várias vezes". As respostas serão dadas em forma de pequenas publicações realizadas pelo grupo.

Sesc